



ORDINE OSPEDALIERO di
SAN GIOVANNI DI DIO

Constelação Laudato Si'

Para uma afirmação
da ação pastoral

CONSTELAÇÃO LAUDATO SI'

Para uma afirmação da ação pastoral

APRESENTAÇÃO

Durante este sexénio, a Comissão Geral da Pastoral da Saúde e Social da Ordem Hospitaleira analisou aprofundadamente a encíclica *Laudato Si'*, do Papa Francisco. Estamos convictos de que esta encíclica propõe uma visão de futuro para o ulterior desenvolvimento da pastoral segundo o estilo de São João de Deus.

Este documento foi elaborado em colaboração e sob a direção do Prof. Juan Ambrósio. Pretende ser, antes de mais, um guia para os agentes pastorais, para os ajudar a colocar no centro da sua ação o cuidado das pessoas que nos são confiadas e da “Casa comum”.

As “coordenadas GPS” enumeradas no último capítulo devem conduzir-nos com segurança através das exigências pastorais do nosso tempo, acompanhando-nos no caminho em direção ao objetivo de toda a ação pastoral, que consiste em tornar tangível e perceptível o amor de Deus pelas pessoas hoje.

CA(u)SA COMUM

Só poderemos enfrentar como humanidade os desafios que se nos apresentam se tivermos a coragem de nos unirmos ao redor de uma **causa comum**. Só uma causa comum, mesmo que entendida sob ângulos e sensibilidades diferentes, pode unir os esforços conjuntos da nossa humanidade ao redor de um projeto de futuro comum.

No seu discurso no Encontro Inter-religioso durante a sua histórica visita aos Emirados Árabes Unidos, o Papa Francisco partilhou algumas questões importantes: “Como podemos salvaguardar-nos mutuamente na única família humana? Como podemos alimentar uma fraternidade que não seja teórica, mas se traduza em união autêntica? Como pode a inclusão do outro prevalecer sobre a exclusão por causa da sua filiação? Como podem, em suma, as religiões ser canais de fraternidade em vez de barreiras de separação?” Perante estas questões desafiantes, o Papa não hesita em afirmar: “Não há alternativa: ou construímos juntos o futuro, ou não haverá futuro”¹.

Para os cristãos e as suas comunidades este desafio é inescapável. Também nós somos chamados a empenhar-nos nesta causa comum, acreditando que ela se pode concretizar

¹ Esta viagem apostólica realizou-se de 3 a 15 de fevereiro de 2019. O Papa proferiu o seu discurso inter-religioso no Memorial do Fundador, em Abu Dhabi, a 4 de fevereiro. Nesta viagem, o Papa Francisco e o Grande Imã de Al-Azhar, Ahamad al-Tayyib, assinaram o documento intitulado *"Fraternidade Humana para a Paz Mundial e a Coexistência"*.



em dois grandes domínios: na defesa da **nossa Casa** comum e na promoção da **dignidade do ser humano comum**.

Esta é a chave de leitura, também na Igreja, da época histórica que estamos a viver. No início do pontificado de Francisco, fomos chamados a empenhar-nos na renovação da Igreja num sentido mais missionário e sinodal, para que a alegria do Evangelho (Boa Nova) pudesse chegar a todas as geografias humanas – Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013). Assim, começámos também a entender melhor que este exercício se fundamentava na necessidade de a Igreja se renovar para poder ser mais fiel à sua missão.

O compromisso de cuidar da Casa comum – Encíclica *Laudato si'*; Exortação *Querida Amazônia* (2020); e Exortação *Laudate Deum* (2023) – e a promoção da fraternidade universal – Encíclica *Fratelli Tutti* (2020) – são a encarnação obrigatória desta fidelidade à missão.

Têm um lugar fundamental nesta missão as famílias – *Amoris Laetitia* (2016) –, os jovens – *Christus Vivit* (2019) –, os pobres (cujo Dia Mundial será celebrado a partir de 2017 no XXIII Domingo do Tempo Comum), os avós e os idosos (cujo Dia Mundial começou a ser celebrado em 2021, no IV Domingo de julho, próximo da celebração da Memória dos Santos Joaquim e Ana, avós de Jesus), e as crianças (convocadas em 2023 para um encontro mundial subordinado ao tema “*Aprendamos com as crianças*”).

A misericórdia – Bula Jubilar da Misericórdia, *Misericordiae Vultus* (2015), e Carta Apostólica *Misericordia et Misera* (2016) – e a santidade – Exortação *Gaudete et Exsultate* (2018) – são a marca fundamental deste exercício de cuidado que somos chamados a desenvolver como cristãos.

As iniciativas *Economia de Francisco* (lançada em 2019), o *Pacto Global para a Educação* (lançado em 2019), a *Plataforma de Ação Laudato si'* (lançada em 2021) e o *Pacto Global para a Família* (lançado em 2023) convocam os mais diversos setores da Igreja e da sociedade para se comprometerem com a transformação do mundo, para construir um futuro onde não haja lugar para os que estão a mais, nem para pessoas excluídas (descartadas).

O cuidado – Carta Apostólica *Patris Corde* (2020) –, a atenção à realidade e materialização da vida concreta – Carta Apostólica *Sublimitas et miseria hominis* (2023), por ocasião do IV Centenário do nascimento de Blaise Pascal –, assim como a confiança incondicional no amor de Deus, que nos sustenta para fazer grandes coisas nos mais pequenos atos – Exortação *C'est la confiance* (2023), por ocasião do CL Aniversário do nascimento de Santa Teresa do Menino Jesus – são a “marca de água” que não pode faltar em cada ação cristã.

Todo este caminho deve ser feito em comunhão e com a participação de todos (Sínodo 2021-2024, *Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação, missão*), como *Peregrinos da esperança* (Ano Santo de 2025).



Esta breve resenha pode ajudar-nos a entender melhor a importância do exercício do cuidado ao longo do pontificado de Francisco, bem como a compreender a atualidade e a pertinência do modelo de cuidado proposto por S. João de Deus, em que o ser humano é acolhido, assistido e amado na sua totalidade.

Como podemos ler na *Pastoral segundo o estilo de S. João de Deus*, “os tempos que estamos a viver representam para nós uma oportunidade de oferecer um testemunho profético e prático a favor da vida humana e da dignidade da pessoa que está a perder cada vez mais significado, com o risco de, com o passar do tempo, também as nossas estruturas e os nossos colaboradores perderem a sensibilidade e o entusiasmo por uma missão de promover a dignidade e a sacralidade da vida humana”.

O cuidado da pessoa nas nossas estruturas de serviço implica o exercício desta visão global que se vincula a esta causa comum, exatamente como a entendemos aqui. Por isso, como se afirma no referido texto, estamos convictos de que “o futuro da hospitalidade na nossa família hospitaleira consiste em incentivar e promover a evangelização e valorizar mais a contribuição terapêutica da pastoral nos centros e serviços como um bem da pessoa que coincide sempre com o seu bem-estar integral, com o ser para os outros e com os outros, com a harmonia do ser humano consigo mesmo e com o mundo que o rodeia”. Para isso, afirma o mesmo texto, “precisamos de pessoas preparadas (ministros ordenados, diáconos, religiosos, colaboradores, voluntários, etc.) e de espaços adequadas para um serviço pastoral autêntico, no respeito pela liberdade das crenças religiosas de cada pessoa assistida e a sua dignidade”.

O futuro que emerge revela a importância de valorizar um carisma que promova um acolhimento cordial. Neste sentido, o carisma da hospitalidade é atual.

No âmbito hospitalar e social assume uma grande importância o trabalho em conjunto. Em nós, a “relação” torna-se o principal “instrumento” para gerar e desenvolver o conjunto de interações que tornam possível concretizar o respeito pela dignidade da pessoa humana e o cuidado da Casa comum. É, portanto, na qualidade das relações que se pode consolidar um projeto que dê sentido à nossa ação pastoral.

COMPROMISSOS DA ENCÍCLICA *LAUDATO SI'* COM A ENCÍCLICA “*TODOS IRMÃOS*” (*Fratelli Tutti*)

A Encíclica *Laudato Si'* propõe aos cristãos quatro compromissos. O primeiro liberta-nos de quaisquer ideias e, sobretudo, de atitudes que permitam mal-entendidos quando falamos de dignidade humana, demonstrando com convicção que a dignidade é um direito inalienável de cada pessoa. Um dos exemplos utilizados é o valor do trabalho, afirmando: “o trabalho é uma necessidade, faz parte do sentido da vida nesta terra, o caminho da maturação, do desenvolvimento humano e da realização pessoal. Neste sentido, ajudar os pobres com dinheiro deve ser sempre uma solução provisória para remediar as



urgências. O grande objetivo deve ser sempre o de lhes dar uma vida digna através do trabalho". [128]

O segundo compromisso é o de fazer um uso responsável dos recursos da Terra, evitando o desperdício de recursos e protegendo o ambiente. Perante a crescente degradação e a visível alteração do biosistema que é o planeta Terra, este compromisso obriga-nos a mudar o nosso estilo de vida, a operar uma conversão ecológica e a viver uma nova espiritualidade, reaprendendo a forma como a Terra cresce e dá vida num ecossistema de partilha. De facto, a forma como atualmente se vive degrada o meio ambiente. Considerar que os recursos são infinitos e que o mundo é uma mercadoria a ser explorada conduz a uma utilização abusiva. Nesta dinâmica, até mesmo o desenvolvimento tecnológico ignora os efeitos negativos, não só para os próprios seres humanos, mas também para todas as formas de vida.

O terceiro compromisso é a adoção de um sentido universal do bem comum. Este sentido leva as pessoas a não explorarem a Terra e as espécies, mas a colocarem-se ao serviço dos outros, protegendo e conservando os espaços. O sentido do bem comum assume que cada ser humano depende de outro ser humano, do ambiente que o rodeia e que faz parte desse ambiente. Da Terra só devemos extrair o que é justo e necessário. Ora, a aproximação a este sentido do bem comum implica a necessidade de uma espiritualidade que motive a preocupação e o cuidado com o mundo e a partilha com os mais vulneráveis.

O quarto compromisso é o de uma visão ecológica integral que inclui a dimensão social, o cuidado, a admiração e o amor pelo mundo criado. Consiste em considerar o ser humano no mundo e a sua relação com as realidades que o rodeiam. Isto significa que os seres humanos e a natureza estão interligados e não podem ser concebidos separadamente, mesmo nas abordagens de diferentes domínios (educação, saúde, ambiente, economia e política). Os problemas ambientais, tais como a poluição atmosférica, a sobre-exploração dos solos ou os contextos humanos que perpetuam a pobreza, o consumo de drogas, a violência, a corrupção e a criminalidade, evidenciam a existência de uma interação entre os ecossistemas e os mundos sociais de referência. Por exemplo, a exploração económica num continente tem consequências noutros países e resulta frequentemente numa falta de respeito pelo ambiente e, acima de tudo, numa falta de coesão social. É por isso que a ecologia integral transcende as nacionalidades e as culturas e exige o respeito pela identidade de cada lugar; exige a fraternidade e o respeito por todos os seres humanos e exige que vivamos em harmonia com o mundo criado.

Para além destes quatro compromissos, podemos também falar de quatro conversões a que a Exortação Apostólica *Querida Amazônia* nos convida, sob a forma de sonhos.

A Assembleia Especial do Sínodo dos Bispos para a Região Pan-Amazónica, realizada em Roma de 6 a 27 de outubro de 2019, mais do que um Sínodo para uma região particular, foi uma reflexão desenvolvida a partir de uma região, mas tendo em conta a universalidade da Igreja. Por isso, foi convocada como assembleia extraordinária e não



uma assembleia regional, o que se nos afigura bastante evidente quando, no *Instrumentum Laboris*, lemos que a Amazónia não é apenas um *ubi* (um espaço geográfico), mas também um *quid*, isto é, um lugar de sentido para a fé (cf. n. 19), ou quando se afirma que as vozes amazónicas escutadas podem exortar-nos a dar uma resposta renovada às diversas situações e a procurar novos caminhos que tornem possível um *kairós* para a Igreja e para o mundo (cf. n. 147).

O título desta Assembleia Sinodal Especial – “Amazónia: novos caminhos para a Igreja e para uma ecologia integral” – reforça a intuição deste pontificado que nos convoca para renovarmos a Igreja de modo a melhor podermos cuidar da humanidade e do mundo.

Tendo em conta todo o trabalho realizado na Assembleia Sinodal, o Papa Francisco redigiu a Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Querida Amazónia*, promulgada em Roma, na Basílica de São João de Latrão, a 2 de fevereiro de 2020 – Festa da Apresentação do Senhor – no sétimo ano do seu pontificado. Neste texto, Francisco partilha quatro sonhos:

“Sonho com uma Amazónia que lute pelos direitos dos mais pobres, dos povos nativos, dos últimos, de modo que a sua voz seja ouvida e a sua dignidade promovida. Sonho com uma Amazónia que preserve a riqueza cultural que a caracteriza e na qual brilha de maneira tão variada a beleza humana. Sonho com uma Amazónia que guarde zelosamente a sedutora beleza natural que a adorna, a vida transbordante que enche os seus rios e as suas florestas. Sonho com comunidades cristãs capazes de se dedicar e encarnar de tal modo na Amazónia que deem à Igreja rostos novos com traços amazónicos” (n. 7).

Ao fazer um simples exercício de substituição da palavra Amazónia pelas palavras Igreja e mundo, será fácil constatar que os sonhos não se alteram nem diminuem de modo algum.

Estes *quatro sonhos* referem-se às *quatro conversões* a que se refere o Documento Final da Assembleia Sinodal, evidenciadas e aprofundadas em quatro capítulos assim intitulados: Novos caminhos de conversão pastoral (II); novos caminhos de conversão cultural (III); novos caminhos de conversão ecológica (capítulo IV); novos caminhos de conversão sinodal (V).

O que se sonha como proposta e desafio para a Igreja e para o mundo pressupõe, como facilmente se vê, um exercício de cuidado que requer tais caminhos de conversão.

Neste contexto, é evidente que o campo da pastoral da saúde e social requer uma sinergia de forças, um reforço da formação na escola de Cristo e no estilo do Santo Fundador da Ordem, necessários para crescer em humanidade, para continuar a trabalhar e a olhar com compaixão para os que sofrem. Esta é a razão da nossa missão, que consiste em cuidar das pessoas na sua totalidade, abrangendo no serviço de assistência que lhes prestamos todas as suas dimensões.



Para levar a cabo esta missão, devemos ancorar-nos também na Encíclica *Fratelli Tutti*, à luz de cujas orientações se torna cada vez mais necessária e relevante uma mudança de paradigma.

De facto, nas sociedades contemporâneas persistem os imperativos da produção, do mais belo, do mais adaptado. Procura-se obter a todo o custo o êxito, que se torna no único fator de medida. Eliminamos e desprezamos tudo o que não é produtivo ou bem-sucedido. Por exemplo, o processo de envelhecimento é agora visto como uma questão pessoal, de gestão da própria velhice, procurando evitá-la, em vez de abordar a complexidade sociológica que é inerente ao envelhecimento das sociedades. Mais uma vez, o caminho do descarté é inevitável, em vez de uma atitude de fraternidade universal, aberta e acolhedora, e de amor por todos e cada um dos nossos irmãos e irmãs.

O cristão deve esforçar-se por antecipar o momento em que tem de repensar o seu modo de vida, a forma como estabelece e mantém as suas relações pessoais, o modo como se organiza em comunidade e o próprio sentido da sua existência. A sociedade mais rica não é aquela que obtém o PIB mais elevado, o maior número de milionários, o nível mais alto de felicidade individual: a sociedade mais rica é aquela em que as diferenças coexistem, se complementam, se enriquecem e se iluminam mutuamente. É a que consegue incluir a periferia e integrar a todos.

É claramente neste sentido que se pode entender que os quatro sonhos acima referidos se apresentam agora como um grande e único sonho, capaz de envolver toda a humanidade na construção de um futuro diferente: *“Desejo ardentemente que, neste tempo em que nos cabe viver, reconhecendo a dignidade de cada pessoa humana, possamos fazer renascer, entre todos, um anseio mundial de fraternidade. Entre todos: «Eis um ótimo segredo para sonhar e tornar a nossa vida numa bela aventura. Ninguém pode enfrentar a vida isoladamente (...); precisamos de uma comunidade que nos apoie, que nos auxilie, e dentro da qual nos ajudemos mutuamente a olhar em frente. Como é importante sonhar juntos! (...) Sozinho, corres o risco de ter miragens, vendo aquilo que não existe; é juntos que se constroem os sonhos». Sonhemos como uma única humanidade, como caminantes da mesma carne humana, como filhos desta mesma Terra que nos alberga a todos, cada qual com a riqueza da sua fé ou das suas convicções, cada qual com a própria voz, mas todos irmãos”* (Fratelli tutti, 8).

FRAGILIDADE NA DOENÇA E EXCLUSÃO SOCIAL

Começamos pela fragilidade que a situação de enfermidade implica. A doença é frequentemente vista como uma “visita inesperada”, uma realidade em movimento, muitas vezes progressiva, cuja característica mais geral e constante é a de provocar um desequilíbrio nas funções do organismo, de modo que compromete a harmonia que caracteriza o estado de saúde. Quando o desequilíbrio é muito relevante, compromete



funções vitais essenciais, comportando inclusivamente o perigo de morte. Embora esta não seja uma premissa universal, uma vez que cada doença é diferente e devemos considerar a sua gravidade, o seu prognóstico (umas têm cura, outras não), ou mesmo o tipo de soluções terapêuticas que são apresentadas desde o momento do diagnóstico, a doença cria uma situação de colapso no indivíduo. O doente vive, primeiro, dependente do diagnóstico e, depois, da evolução da situação da doença, mas, fundamentalmente, vive sempre dependente da incógnita do futuro. Esta dinâmica de incerteza dá origem a uma série de reações que se transformam numa espécie de radiografia biográfica das pessoas afetadas. A experiência da doença é sempre uma experiência de sentido. No fundo, é encontrar-se numa situação em que o ser humano se apercebe de que a sua existência terá um fim, sente-se impotente e frágil. Fundamentalmente, estar doente acarreta um condicionamento social da vida quotidiana, mais do que a definição restrita da disfunção bioquímica do corpo.

Perante esta realidade, os cuidados devem procurar reintegrar uma perspetiva metafísica que permita não só a adoção de atitudes empáticas, palavras e gestos que ofereçam ao doente o maior conforto possível (Strauss et al., 1895), mas também uma atenção aos pormenores fornecidos pelo doente e à sua história. Esta abordagem obriga a que o momento da prestação de cuidados seja um momento de interação e de regras morais, o que nos impede de olhar para o doente como um objeto. Será um momento de confiança, ou seja, de dar de novo a mão ao doente, de conhecer a sua biografia, de reconhecer a sua identidade através do aprofundamento da relação, identificando a realidade e o contexto, sem ilusões nem fábulas.

No domínio da exclusão social, a abordagem da Ordem Hospitaleira centra-se particularmente na resposta às pessoas excluídas e sem-abrigo. Então, quem são estas pessoas a quem damos assistência? Apesar de todas as iniciativas tomadas para combater a pobreza, a exclusão e a falta de habitação, esta luta tem sido muito difícil, ao ponto de questionar o Art.º 1 da Declaração Universal dos Direitos Humanos: “Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos”. Por outro lado, verifica-se um aumento progressivo do fosso entre ricos e pobres, entre o mundo desenvolvido e o mundo em desenvolvimento. Este distanciamento não está apenas relacionado com fatores económicos e níveis de rendimento, mas também com aspetos como o acesso à saúde, à educação, à alimentação ou à habitação. Todos estes fatores impedem que milhões de pessoas em todo o mundo tenham acesso a uma existência digna e usufruam de uma cidadania plena.

A par do fenómeno da pobreza, consideremos a realidade da exclusão social, ou seja, uma situação extrema de disrupção, quer no plano das relações familiares e afetivas, quer ao nível do mercado de trabalho ou de outras formas de exclusão (Castel, 1998). Do mesmo modo que a pobreza, a exclusão social é também um fenómeno complexo, muito para além das meras ruturas referidas pelo autor acima citado. Na verdade, trata-se de uma



realidade multidimensional que deve ser considerada à luz dos contextos locais, nacionais e mundial.

No caso dos sem-abrigo², para além da ausência de abrigo físico, existe também a falta de proteção social, laboral, económica, familiar e psicológica. A disrupção está sempre presente e, frequentemente, está associada ao consumo (de álcool e/ou drogas ou qualquer outro contexto de novas dependências). Não se trata de uma opção de vida, mas de uma circunstância forçada por contextos próprios: quem é mais vulnerável corre um risco maior de passar a viver na rua, ou seja, pessoas desempregadas, imigrantes, que se tornaram vítimas do consumo de drogas, de álcool, ou com outras dependências, e ainda minorias étnicas, mulheres vítimas de violência doméstica, veteranos de guerra, crianças, pessoas com doenças mentais, entre outros.

São estes contextos, aqui enumerados em termos gerais, que caracterizam as pessoas que recebem assistência nas obras sociais da Ordem Hospitaleira.

A PARTIR DA CASA COMUM E DO SER HUMANO COMUM: CARACTERÍSTICAS DA REALIDADE ASSISTENCIAL

Esta encíclica papal, e toda a constelação em que se enquadra³, sublinhou a necessidade de escutar as diferentes formas de sofrimento e de vulnerabilidade humana. Esta ênfase, embora não seja nova, oferece uma nova perspetiva e um modo novo de encarar o ser humano e o seu ambiente a partir da matriz bíblica e das afirmações da criação. De facto, as exigências atuais obrigam os profissionais de saúde a esgotar o seu tempo disponível em tarefas mecânicas e repetitivas que seguem uma lógica de produção: fazer a higiene, distribuir medicamentos, alimentos, realizar exames e terapias, tratar de feridas, verificar parâmetros vitais, registar e partilhar informações sobre o turno seguinte. Este profissionalismo mecânico exige que as profissões da área da saúde sejam científicas, precisas, como a engenharia ou as matemáticas. Atualmente, os dados estatísticos prevalecem sobre o que deveria ser de âmbito profundamente humano.

Para trás ficaram os tempos da medicina⁴ familiar (de cabeceira), cuja missão, quase sacerdotal, levava o médico a observar o doente no seu contexto, a aprofundar esse olhar de forma generosa e humana. Era importante que o médico conhecesse o doente, que conhecesse a pessoa. Paracelso (médico suíço, 1493-1541) dizia que o fundamento da

² Utilizaremos sempre a designação *Sem-Abrigo* (homeless) para nos referirmos àqueles que estão privados de um lar, de um espaço que os inclua e com o qual se possam identificar. São pessoas que vivem na rua.

³ Neste sentido, há que ter em conta a *Semana Laudato si'*, o *Tempo da Criação*, o *Ano Laudato si'*, a *Plataforma de Ação Laudato si'*, os *Objetivos Laudato si'*, e as exortações apostólicas *Querida Amazônia* e *Laudate Deum*.

⁴ O uso do termo "medicina" e, portanto, "médico", é meramente estilístico: de facto, referimo-nos ao "profissional de saúde", incluindo todos os *atores do ambiente hospitalar*, ou dos serviços de saúde.



medicina é o amor. A partir deste princípio, não bastará a boa técnica ou a disponibilidade tecnológica: é importante que a prática dos cuidados de saúde inclua os contextos, as narrativas, os valores e experiências, num ambiente que não se limite a ajudar numa situação crítica e aguda ou a prosseguir a cura, mas que promova o cuidado, quando a cura não é possível, e que conforte, quando a morte é inevitável.

O mesmo acontece na área social. Os pobres passam a ser estatísticas que se tornam notícia nas primeiras páginas dos jornais e abertura dos telejornais, quando a agenda mediática o permite, ou quando se trata de um belo projeto social, ou de uma causa emblemática, com a qual se pode competir por eventuais financiamentos, ou de uma campanha de angariação de fundos, cujo resultado fica depois ao critério da responsabilidade social dos mecenas.

Seremos capazes de ajudar quem sofre, os doentes ou as pessoas socialmente excluídas, de uma forma humana e integral?

Os centros de assistência da Ordem devem oferecer às pessoas que os procuram um “novo lar”, um lugar adequado e orientado para a pessoa que neles é assistida. Pierluigi Marchesi afirmou que, para ser humanizada, a estrutura deve ser aberta, ter uma linha de comando transparente e bem definida, basear-se no trabalho em equipa, com um sentido permanente de formação e aprendizagem (o doente como universidade) e, ao mesmo tempo, ser uma “casa familiar”.

Esta “casa de família”, este “novo lar” encontra um paralelo com a “Casa comum” e encerra um significado antropológico. Um autor afirma: *“Há duas realidades de que uma vida, para ser humana e plena, não pode prescindir: um amor ao qual se entregar e uma casa de acolhimento, que receba e reúna aqueles que brotam desse amor, um amor e um espaço onde as pessoas se sintam amadas e onde se possa praticar a hospitalidade para com o ser amado. Lar e amor não se podem dissociar um do outro, tão inextricável é a sua relação”*⁵. A remoção de certas etapas da vida, ou seja, o início e o fim, deslocando-as para um lugar que se chama “hospital”, fez com que também aqui a vida fosse vivida de forma emocional, cuidada e protegida, um espaço que acalmava os medos e oferecia segurança.

O mesmo Autor refere ainda que há um lugar na casa ao qual Jesus, na narrativa evangélica, dá particular importância: a porta: *“À porta, a casa abre-se para receber as pessoas e elas são ali acolhidas. A porta abre-se para a entrada e permite a saída. Reduz as limitações e os limites da casa. Graças à porta, a casa tornou-se maior do que os seus problemas, dando-lhes uma saída e uma solução”*⁶.

⁵ VAZ, Armindo dos Santos (2022), *Casas da Nova Aliança: chaves antropológicas, apelos ecológicos*. In: Ephata, 4, n.º 1, 79-98, p. 88.

⁶ *Ibid.*, pág. 91.



A imagem da porta revela a importância do acolhimento. O acolhimento deve ter dois pilares fundamentais: o da receptividade e o da atividade. Ao sermos receptivos, estamos prontos para ver a vida sob outras perspectivas, com uma visão diferente da que tínhamos até ao momento do acolhimento, vendo o mundo de uma forma diferente. Ser receptivo é ser capaz de compreender a realidade a partir da narrativa da pessoa acolhida. O segundo pilar é o da atividade, a partir do qual podemos oferecer à pessoa que acolhemos diferentes alternativas que lhe permitam estabelecer novas conexões, novas abordagens, mais abrangentes e integradoras, aos desafios que ela enfrenta.

O DESAFIO DE TORNAR A “CONSTELAÇÃO” *LAUDATO SI'* UMA REALIDADE PASTORAL NOS CENTROS ASSISTENCIAIS DA ORDEM HOSPITALEIRA

Partimos das palavras de Leonardo Boff: “*o grito da Terra é também o grito dos pobres*”, um grito que ecoa igualmente com força em toda a constelação da *Laudato si'*.

São João de Deus escutou o grito da Terra: serviu as pessoas pobres e vulneráveis da cidade de Granada. Deu conteúdo aos compromissos que agora encontramos na encíclica pontifícia: o princípio inequívoco da dignidade humana, o uso responsável dos recursos da Terra, a adoção de um sentido universal do bem comum e uma visão ecológica abrangente, considerando o ser humano como um todo, atendendo às suas necessidades, do corpo e da alma, pondo em prática a hospitalidade, imitando o Bom Samaritano.

Vivemos num tempo em que é necessário reconfigurar o conceito de ser “humano”, a partir do desafio lançado pela encíclica *Laudato si'*: estabelecer uma nova relação com a natureza. Este desafio exige, portanto, uma ecologia integral, ou seja, um paradigma de justiça social, importante na pastoral social, que promova os valores da justiça, do respeito e da responsabilidade.

Neste sentido, a consciência da Terra como bem comum deve desenvolver-se numa espiritualidade específica, tendo como pilares a aprendizagem e a partilha. Através dela, reaprendemos como a Terra continua a respirar, a crescer e a dar vida a todos os seres vivos. Depois, partilhamos este dom do Criador com os nossos irmãos e irmãs, que estão connosco na nossa Casa comum. É assim que deve ser a Ordem Hospitaleira, transmitindo a hospitalidade segundo o estilo de S. João de Deus, para que a sua espiritualidade possa continuar a difundir-se, a alimentar e a sustentar o nosso mundo.

O Fundador da Ordem Hospitaleira, na Terceira Carta que escreve à Duquesa de Sesa, revela o seu testamento espiritual. Na linguagem do seu tempo, exprime “intuições atuais” que iluminam os desafios do nosso contexto: “*Tem este pano quatro ângulos, que são as quatro virtudes (...): a Prudência, a Justiça, a Temperança e a Fortaleza. A Prudência mostra-nos quão discreta e sabiamente devemos proceder em todas as coisas que tivermos de fazer e pensar, tomando conselho com os mais velhos e que mais sabem. A*



Justiça quer dizer ser reto e dar a cada um o que é seu: dar a Deus o que é de Deus e ao mundo o que é do mundo. A Temperança ensina-nos a tomar com moderação e sobriedade o comer, o beber, o vestir e todas as demais coisas que são necessárias para os cuidados do corpo humano. A Fortaleza manda-nos que sejamos fortes e constantes no serviço de Deus, mostrando cara alegre tanto nos trabalhos, fadigas e enfermidades, como na prosperidade e bem-estar, e por uns e por outros dar graças a Jesus Cristo”⁷.

CONTRIBUTO PARA UMA GEOGRAFIA PASTORAL

Os centros assistenciais da Ordem Hospitaleira devem ser, para as pessoas com doença e em situação de vulnerabilidade, estruturas de acolhimento e reconhecimento⁸, ou seja, comunidades de inter-relação que ajudam e orientam a pessoa numa (ou mais) etapas do seu percurso de vida. Enquanto tais, devem garantir apoio na experiência de vulnerabilidade criada pela doença e tornar-se um lugar de compaixão, expressão e comunicação, onde cada um possa aproximar-se do objetivo da sua existência.

Neste sentido, o contexto pastoral deve proporcionar lugares de contemplação ontológica⁹: por um lado, a própria contemplação é uma forma de relação com o ambiente; por outro, torna possível que o sentido que damos à nossa existência permita um alinhamento com uma ordem superior de existência.

Em que se deve basear então esta “Geografia da Pastoral da Saúde” (GPS)?

1ª Coordenada GPS: Lc 14,12-14 (Escolha dos convidados)

SIGNIFICADO. Sentido social da existência. A nossa oferta é dada à medida de cada pessoa que acolhemos. Quando for oportuno, para valorizar a dimensão relacional, as atividades são comuns: momentos de convivência e de celebração. Mas, como objetivo, deve haver sempre uma experiência de sentido, uma experiência de finalidade, que potencie a identidade das pessoas que são acolhidas.

Uma das motivações fundamentais de S. João de Deus é o seu desejo de “fazer o bem, bem feito”, vinculando a sua ação a uma finalidade, a uma experiência transcendente que

⁷ S. JOÃO DE DEUS, *Cartas, 3DS*, 11.

⁸ LLUÍS DUCH, in: AMBROSIO, Juan, *A dimensão religiosa e a condição humana*, (2023).

⁹ *Contemplação ontológica* é uma tradução livre do termo inglês *Wonder*. Para melhor compreender este conceito, o autor aduz como exemplo a tradição indiana. Aqui, o *assombro* é a reação à oportunidade de presenciar o divino num fenómeno de exaltação. Está intimamente relacionado com a *tradição do Darshan* (termo sânscrito que significa "presença divina"), o ato ritual de ver a própria divindade. Acredita-se que este ato ultrapassa a distinção tradicional entre experiência subjetiva e objetiva, incluindo a participação na essência e na natureza da base divina de uma pessoa ou de um objeto particulares. Transporta o indivíduo para além da sua individualidade, permitindo-lhe participar num todo ontologicamente maior.



dê sentido a todo o conjunto de relações entre as pessoas. É assim que ele se exprime na sua Primeira Carta à Duquesa de Sesa: *“Tudo perece, menos as boas obras”*¹⁰.

2ª Coordenada GPS: Mc 3,31-35

(Família de Jesus)

FRATERNIDADE. Dimensão fraterna da espiritualidade: a pastoral deve ser o lugar potenciador de uma espiritualidade que inclua uma dimensão fraterna, procurando no outro a imagem de Jesus, tratando todos por igual, com um sentido bem definido.

A fraternidade deriva do facto de se ter feito uma opção pela hospitalidade. O carisma é atrativo quando está presente nas estruturas, nos processos e nas pessoas.

O Fundador da Ordem Hospitaleira oferecia o seu espaço como o “novo lar” para partilhar a fraternidade: *“Aqui, a casa está sempre aberta para vós. Gostaria de vos ver chegar disposto a melhorar a cada dia: digo-vos isto como a um filho e a um irmão”*¹¹.

3ª Coordenada GPS: Mt 25,40-45

(Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes)

DIGNIDADE. Convicção da dignidade inalienável de cada pessoa: é nesta convicção que se baseia a ação pastoral. É preciso manter um sentido de dignidade transcendente, sem hierarquia de cuidados, porque todos somos povo de Deus.

O tempo presente representa uma oportunidade para oferecer um testemunho concreto de respeito pela vida humana, pela dignidade de cada pessoa e pelo cuidado da nossa Casa comum.

Considerar a presença de Deus na história, no rosto de cada pessoa, é uma expressão da nossa identidade hospitaleira: *“Se considerássemos como é grande a misericórdia de Deus, nunca deixaríamos de fazer o bem enquanto pudéssemos, pois, se nós dermos por amor aos pobres o que Ele mesmo nos dá, Ele nos promete o cêntuplo na bem-aventurança”*¹².

4ª Coordenada GPS: Jo 15,12-14

(Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos)

AMOR. Motivação para amar e acolher a todos. A pastoral é para todos, acolhe todos. Os destinatários da nossa ação, além das pessoas assistidas nos centros da Ordem, são também as suas famílias e os Colaboradores que, dedicando-se a outras áreas da assistência, são muitas vezes esquecidos no meio da sobrecarga de atividades.

¹⁰ S. João de Deus, *Cartas*, IDS, 6.

¹¹ S. João de Deus, *Cartas*, LB, 11.

¹² S. João de Deus, *Cartas*, IDS, 13.



João de Deus transmitiu-nos um modelo de acompanhamento de toda a pessoa que sofre: “Tenham sempre caridade, porque onde não há caridade não há Deus, embora Ele esteja em todo o lado”¹³.

Neste modelo, cada ser humano que vive na Casa comum deve ser assistido com amor e de forma integral. Estes mesmos critérios são o quadro de referência para cuidarmos do nosso planeta.

5ª coordenada GPS: Mt 5,3-12 (Bem-Aventuranças)

COMPROMISSO. Conceber uma pastoral que seja uma defesa ativa a favor dos mais pobres, das vítimas das desigualdades, dos mais necessitados e das pessoas que são privadas dos seus direitos sociais fundamentais. A pastoral deve ser um ponto de referência para o acompanhamento das pessoas em situação de vulnerabilidade.

Juan Ciudad tomou consciência da importância de prestar um serviço aos doentes e aos mais pobres. Na sua experiência, desenvolveu a capacidade de responder atempadamente às necessidades concretas, apesar das circunstâncias adversas: “Ao ver padecer tantos pobres, meus irmãos e próximos, com tantas necessidades, tanto do corpo como da alma, fico muito triste por os não poder ajudar. No entanto, confio só em Jesus Cristo, que me há de desempenhar” (tirar de apuros).¹⁴

O compromisso com os mais vulneráveis e o cuidado com a Casa comum são realidades cada vez mais evidentes. Para nós, são constitutivos da nossa missão no século XXI.

*** **

DOCUMENTO DA COMISSÃO GERAL PARA A PASTORAL DA SAÚDE E SOCIAL

**Sob a direção do Prof. Juan Ambrosio (Universidade Católica Portuguesa –
Faculdade de Teologia)**

Objetivo geral: Aplicar os princípios da *Laudato si'* à ação da Pastoral da Saúde e Social na Ordem Hospitaleira.

Objetivo específico: Elaborar um guia de leitura da encíclica com uma orientação eminentemente pragmática, aplicada à nossa Pastoral da Saúde e Social, para servir de manual sobre como aplicar a *Laudato si'* nos cuidados de saúde e na atividade pastoral.

¹³ S. João de Deus, *Cartas*, LB, 15.

¹⁴ S. João de Deus, *Cartas*, 2GL, 8.